

## Recuperação Americana (2)

IGNÁCIO M. RANGEL

Muito keynesianamente — através de um monumental déficit orçamentário, financiado pela emissão de títulos do Tesouro — os Estados Unidos estão obtendo o efeito de interromper a recessão e, concomitantemente, reduzir a taxa de inflação. Lá, como cá, contrariamente ao que se insiste em dizer, ao lado do desemprego e de outras "cositas mas", a inflação integra a síndrome da recessão, isto é, dista muito de ser algo que possa ser barganhado, "traded off", contra a recessão: um pouco mais de recessão contra um pouco menos de inflação.

Voltando aos Estados Unidos, isto é, sem nos afastarmos muito daqui, tudo andaria pelo mais panglossiano dos mundos se: 1 — o que se obtém em termos de recuperação econômica (menos inflação, menos desemprego, menos recessão, etc. insistamos), por dólar de déficit, não fosse tão pouco; 2 — o financiamento do déficit não fosse tão difícil, elevando a taxa de juros à estratosfera; 3 — a taxa de juros norte americana (com o dólar na posição de moeda de reserva) não tivesse tão óbvios e indesejáveis efeitos sobre toda a economia mundial. Faz lembrar aquela estória do homem que, havendo-se despescado do vigésimo andar, gritou ao passar para o vizinho do décimo que, por enquanto, tudo ia muito bem.

Não me espantaria se — como a Alemanha nazista de 1938 — os Estados Unidos começassem a passar quitação dos impostos relativos a anos ainda por vir, comprometendo, assim, a garantia efetiva dos papéis já emitidos pelo Tesouro, isto é, a receita vindoura. Sabe-se como terminou esse "milagre", e gomara que o mesmo não aconteça com o presente "milagre" do Sr. Reagan. Ora, naquele tempo, a correlação entre o déficit e a recuperação era muito mais enérgica e, por outro lado, os anos todos da 2.ª Guerra Mundial, custaram "apenas" cinquenta milhões de mortos — muito menos do que promete custar o primeiro dia da 3.ª guerra, segundo os "cenários" conhecidos.

Entretanto, precisamente por tal desfecho é demencial, impensável, mais suicídio da espécie humana do que o que se convencionou chamar de guerra, é possível que, afinal, venha a ser como o foi nossa homérica batalha de Itararé, na palavra colorida do barão do mesmo nome. Isto é, nem haja. Caso em que torna-se necessário armar outro "cenário", que nos permita formar idéia de como será o mundo, continuando este como vai, salvo no tangente a tal despacho.

Que os Estados Unidos ter-se-ão desqualificado para, nos quadros do Kondratieff, continuarem a ocupar a posição de centro dinâmico do universo, não deve ser assunto para muitas dúvidas. Entretanto, a quem caberá o desempenho de tão indispensável função?

Antes de aventurarmos respostas para esta questão, é mister esperar que as pessoas se comprometerem de que a própria questão não é esfúria, de que há um problema sucessório aberto além de nosso próprio e Tupiniquim problema sucessório.

Ignácio M. Rangel é economista, e formado em Direito, presidente do Conselho Regional de Economia — Rio de Janeiro e autor de vários livros, entre eles, "A inflação brasileira" e "Tecnologia — ciclo e crescimento".